



CRITICAL REVIEW

Claudia J. Fischer, *Fernando Pessoa no Espelho de Celan*. Lisboa: Tinta-da-china, 2025. Pp. 200. ISBN 9789896719128.

Luís Pimenta Lopes

Universidade da Madeira / CEHUM, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-4023-0102>

No final do capítulo introdutório a *Fernando Pessoa no Espelho de Celan*, Claudia J. Fischer alude ao conceito de *Fortleben* [sobrevida], como entendido por Walter Benjamin, para descrever a sua proposta de trabalho neste livro, que apresenta dois objetivos: dar a conhecer traduções praticamente esquecidas de Pessoa para língua alemã pela mão de Paul Celan; propor uma retroversão destas traduções de Celan para língua portuguesa. O resultado é, de facto, a *sobrevida*, em versão celaniana, de sete poemas amplamente conhecidos de Pessoa, que a autora, por sua vez, verte para português, explicando, com rigor e delicadeza, as diversas fases e fatores intervenientes no processo de tradução. Esta opção, disposta em treze capítulos, inclui, no final, as três versões dos poemas: a original de Pessoa, a tradução de Celan, e uma retroversão para português. O livro apresenta ao público português menos conhecedor de Celan aspetos basilares da sua vida, poesia e experiência como tradutor, permitindo, simultaneamente, a redescoberta de sete poemas pessoanos de ressonância familiar numa nova formulação, com Celan e a língua alemã como mediadores.

No prelúdio, a autora explica o método de tradução que a guia no projeto: enaltecendo as aproximações progressivas de Celan à poesia de Fernando Pessoa, dá continuidade ao seu processo de tradução, preservando o seu cunho poético em sentido etimológico: a tradução como *poesis*, um construir que resulta num texto diverso do original. Fischer fá-lo por meio da metáfora de um espelho com refração dupla: os dois textos em português não são uma tradução intralinguística, já que o segundo é uma sobrevivida do primeiro, a partir da mediação em alemão de Celan. Forma-se, assim, um terceiro círculo desse *mise-en-abîme* que não replica somente o texto pessoano, mas a leitura que dele fez Celan sob auxílio de uma poética de tradução própria. Este aspeto é desenvolvido nos terceiro e quarto capítulos, após uma sucinta apresentação, no segundo

* **CONTACT** Luís Pimenta Lopes Email: jose.lopes@staff.uma.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

capítulo, de como Pessoa foi descoberto no estrangeiro, primeiramente por via francófona através de Pierre Hourcade, Armand Guibert e André Breton.

No terceiro capítulo, “Ler Pessoa pela mão de Celan”, elucida-se o caminho percorrido por Paul Celan desde o seu primeiro contacto com a obra de Pessoa até à publicação das suas traduções na revista alemã *Die Neue Rundschau* em 1956. Trata-se de sete poemas: “Iniciação” e “Autopsicografia”, de Pessoa ortónimo; “A espantosa realidade das coisas” e “Sou um guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro; “As rosas dos jardins de Adónis” e “Para ser grande, sê inteiro”, de Ricardo Reis; “A Tabacaria”, de Álvaro de Campos. Neste capítulo torna-se evidente a circunstância, não isenta de conflitualidade e referida recorrentemente, de que estas traduções são feitas em colaboração com Edouard Roditi, responsável pela tradução de Pessoa para língua inglesa em 1955. Embora falante nativo de romeno e fluente em francês, Celan precisava de auxílio para o português, pelo que a ajuda de Roditi a partir do inglês e os poemas que circulavam em francês foram essenciais, resultando numa “dicção celaniana que merece ser conhecida pelo leitor português” (p. 17). É esta especificidade que Claudia J. Fischer vai demonstrando ao longo do livro, passo a passo e de modo apurado e sensível, não sem sublinhar as diferenças destas traduções relativas às mais conhecidas de Pessoa em alemão por Georg Rudolf Lind, e que autores como João Barrento ou António Sousa Ribeiro, trazidos à discussão, qualificam de mais adequadas ou profissionais.

A aparente liberdade excessiva de Celan ao traduzir Pessoa é progressivamente justificada, como no quarto capítulo, cujo título desvenda a estética da capa e separador do livro, “Mensagem numa garrafa”. O leitor menos familiarizado com os dados biográficos de Pessoa e de Celan poderá conhecer aqui as semelhanças entre ambos no que diz respeito ao domínio de duas ou mais línguas maternas, e a propensão que daí advém para entender a poesia como forma de se “outrar”. Fischer estabelece este neologismo de Pessoa como elo explicativo da tal “liberdade excessiva” de Celan, citando as suas palavras durante o discurso de aceitação de dois prémios literários, e que a autora julga poder decorrer de uma “poética do encontro” de que o processo de tradução constitui uma extensão prática. Fischer complementa esta conclusão ao assinalar o encontro Pessoa-Celan como deduzido da metáfora da poesia enquanto mensagem numa garrafa à deriva no mar, uma imagem contida numa composição do poeta russo e judeu Ossip Mandelstam, que Celan traduzira e viria a traduzir ao longo da vida, e que este admite orientá-lo numa visão dos poemas como estando “a caminho”, no “sentido de um espaço aberto, ocupável, de um tu que porventura possam interpelar” (pp. 22-23).

Este encontro “sob o signo do mistério” (p. 23), uma *Fremde Nähe* [*Proximidade Estranha*], título provisório de um livro nunca publicado com todas as traduções de Celan, dá o mote para o quinto capítulo, dedicado mais detalhadamente à sua biografia, enredada na teia de desenvolvimentos geopolíticos que moldam o seu multilinguismo. Judeu nascido

Paul Ancel na Roménia em 1920, numa cidade até pouco antes chamada de Czernovich, parte do Império Austro-Húngaro, será vítima das violências políticas atrozes das décadas seguintes, sobrevivendo à perseguição nazi, ao contrário dos pais, e adotando o pseudónimo Paul Celan em 1947, ao publicar, primeiro em autotradução romena, aquele que viria a tornar-se um poema universal, *Tangoul Mortii* [*Tango da Morte*], depois renomeado *Fuga da Morte* [*Todesfuge*, em alemão]. Fischer relembra as primeiras tentativas literárias de Ancel, já relacionadas com o mundo da botânica, em particular das flores, para introduzir a questão da sua relação complexa com a língua alemã, aquela que sempre sentiu ser a sua língua materna [*Muttersprache*], mas que se torna a língua dos assassinos [*Mördersprache*], e que o poema antes citado versa de forma antológica. A autora cita a proximidade entre os dois vocábulos alemães, antecipando o sexto capítulo, “Língua e emudecimento”, no qual sublinha o impacto da crítica publicada na imprensa face ao “meta-alemão” da sua poesia (como dizia Steiner, que é citado), reduto da solidão a que a língua alemã remetera um judeu de quem era traço identitário, e que, atravessando “o terrível emudecimento” (p. 33) a que é submetida pelo nazismo, o leva a uma linguagem idiossincrática e a um isolamento que culminará no seu suicídio por afogamento no Sena, em abril de 1970.

Se considerada separadamente a coda (13.º capítulo), poderá entrever-se aqui uma divisão do livro em duas partes compostas por seis capítulos cada. Enquanto, até aqui, a autora apresenta, de forma apelativa e dialogante com um público menos especializado, em que consiste na prática o trabalho da comparatista, a partir do sétimo capítulo denota-se maior fôlego teórico sobre a obra de Paul Celan (7) e sobre o questionamento sobre uma eventual poética da tradução contida nos textos celanianos de Pessoa (8); sobre a receção literária de Fernando Pessoa em território alemão e os meandros concretos da colaboração de Celan com Roditi (9); e na tentativa de conceptualização da sua poética a partir de gestos metodológicos que dialogam com o interesse da autora pelas relações entre a literatura e a música (10 e 11), patente igualmente em outra publicação sua recente (*Melomania. Casamentos perfeitos entre música e literatura*, obra coeditada com Cristiana Vasconcelos Rodrigues, Húmus, 2025). O 12.º capítulo elenca as fontes secundárias que sustentam a argumentação e o desenvolvimento do projeto de Fischer, e explica a organização dos textos e da sua análise metódica: sete secções, correspondentes aos sete poemas traduzidos por Celan, apresentam o original de Pessoa de acordo com a edição usada por Celan, a tradução publicada por Celan, a retroversão de Fischer da versão alemã, manuscritos e dactiloscritos do poema e das respetivas traduções, e um comentário.

Destacam-se, de entre estes capítulos, o oitavo, com título convenientemente balizado por um ponto de interrogação, “Uma poética de tradução de Celan?”. Fischer evidencia as críticas recorrentes sobre as traduções que Celan publicou de vários autores, muitas comentadas de forma controversa na imprensa especializada. Remete, também, o

leitor para descobertas recentes de correspondência do autor, em especial uma carta na qual se encontram “inequívocos princípios de uma teoria de tradução” (p. 40). O aspeto da duplicação, iniciado pela metáfora dos espelhos, demonstra-se aqui coerente com os princípios teóricos experimentados por Celan, nomeadamente a ideia de um *Nachsprechen*, que Fischer traduz, sem fixar um significado único, como “redizer”, “um segundo falar”, “falar depois”, “repetir falando” (pp. 40-41). Conclui, de forma convincente e legitimadora do projeto, que Celan procura reproduzir as diferentes vozes (face à heteronomia) de Pessoa, dirigindo o leitor para a predominância do binómio falar/ouvir na poesia de Celan, e, inevitavelmente, nas suas traduções do poeta português.

É assim que os capítulos 10 e 11 se iniciam com o verbo “ouvir”. Em “Ouvir com a boca — um poema de Celan”, Fischer exhibe um pequeno poema escrito pouco antes da sua morte, e a sua tradução, reclamando a hipótese aqui desenvolvida na restante obra poética de Celan e superando as fronteiras do propósito central deste livro. Não se trata, contudo, de um mero excursus, mas de um gesto que prepara o leitor para o tríptico que há de ler, munindo-se de uma expectativa auditiva prévia à análise mais científica elaborada no comentário analítico dos textos. Esta preparação do leitor entronca no princípio celaniano do poema como mensagem em busca de um interlocutor, que, através de composições condensadas, mas imbuídas de ritmo e de referências musicais evidentes (na *Fuga da Morte*, que havia sido Tango; e aqui nas “trombetas” que ocupam um texto vazio), se deixa entender como audível através da boca. Pode ouvir-se, por isso, Paul Celan declamar no capítulo seguinte (11) o poema “Ouvi dizer” [*Ich hörte sagen*], em gravação disponível no YouTube, com hiperligação identificada em nota de rodapé. Não só o recurso à multimedialidade é digno de nota, como a preocupação pela inclusão de referências que excedem a investigação ocidental sobre Celan. É o caso da referência à escritora japonesa Yoko Tawada, que estuda a traduzibilidade da poesia de Celan, denotando a proeminência de um ideograma em cujo seio se encontra o radical “umbral”/ “portão”. A relação, em japonês, do ato de ouvir com a imagem de um “ouvido num umbral”, é percecionada por Fischer como útil para redescobrir os textos de Pessoa, que se situarão também num limiar entre o familiar e o estranho que Celan prezava na leitura de poesia. Fecha-se, assim, o círculo aberto pela proposta inicial deste projeto, em que a audição da voz de Celan em alemão e uma imagem recorrente da tradução japonesa dos seus textos convidam o leitor a ler/ouvir a poesia de Pessoa na sua língua original, mas em “proximidade estranha”.

A edição cuidada da *Tinha-da-china*, parte da sua coleção Fernando Pessoa, inclui imagens e material datilografado minuciosamente identificados, permitindo o acesso às datas e locais de publicações originais dos poemas, as edições usadas pelos tradutores, e as cópias completas dos poemas como foram publicados originalmente na revista *Die Neue Rundschau*. O material recolhido nos espólios de Celan (em Marbach) e de Roditi (na UCLA)



permite ao leitor a visualização das correções efetuadas nas traduções e a comparação com as versões publicadas.

A clareza e o aprofundamento equilibrado de questões teóricas e práticas relativas à vida e poesia de Pessoa e de Celan serão úteis aos estudiosos da Germanística, dos Estudos Comparatistas e de Tradução, bem como a todos os leitores interessados em poesia em geral, e na dos dois poetas em particular. Será, no entanto, um livro especialmente comovente para todos os falantes de português, nativos ou não, desejosos de reencontrar composições antológicas de Fernando Pessoa, reduzidas por habitualidade a uma sonoridade automatizada, aqui hábil e generosamente restauradas por Claudia J. Fischer, que convida o leitor “à indiscrição que é toda a leitura de poesia” (p. 188).